

BART PAUL VANSPAUWEN

bvanspauwen@fchs.unl.pt

INSTITUTO DE ETNOMUSICOLOGIA – CENTRO DE ESTUDOS
EM MÚSICA E DANÇA, FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E
HUMANAS, UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA, PORTUGAL

ASSOCIAÇÃO ÉTNIA E O CIRCUITO CULTURAL LUSÓFONO. CONSTRUINDO UMA LUSOFONIA CULTURAL EM REDE A PARTIR DO ANTIGO CENTRO

RESUMO

Este artigo analisa a ONG lisboeta Etnia – Cultura e Desenvolvimento enquanto modelo de organização social e intervenção cultural. Fundada em 2000, Etnia tem investido de forma contínua na construção de uma rede cultural lusófona transnacional através de projetos e programas entre Portugal, Brasil, Cabo Verde e Guiné-Bissau. O caso da Etnia sugere que empreendedores culturais em rede possam orientar a mudança social além de narrativas essencialistas, permitindo não só a capacitação de profissionais do setor cultural e criativo, mas também um melhor entendimento do potencial futuro e afetivo da chamada *lusofonia*.

PALAVRAS-CHAVE

Lusofonia; associativismo; etnia; Lisboa; gestão cultural

INTRODUÇÃO

Desde a virada do milénio, empreendedores culturais em Portugal têm investido cada vez mais na promoção global de expressões culturais de língua portuguesa. Importantes eventos internacionais, tais como a fundação da CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa em 1996; a Exposição Mundial de Lisboa em 1998; e o lançamento do influente documentário *Lusofonia, a (R)evolução* da Red Bull Music Academy em 2006 revigoraram uma visão cultural do Atlântico lusófono, cada vez mais utilizando a noção de *lusofonia* de maneira émica.

Lusofonia representa uma união entre pessoas que partilham uma língua e características culturais apesar de grandes distâncias geográficas (mais especificamente, os países de língua portuguesa, bem como as

variadas populações da diáspora de língua portuguesa no mundo inteiro). O conceito de *lusofonia* é baseado em uma definição linguística, mas também designa um espaço político, económico e cultural. Desde a virada do século, tem informado grupos governamentais, económicos, académicos, legais, desportivos, sociais e culturais em locais onde o Português é falado. Apesar de suas raízes históricas estarem no colonialismo português, o significado contemporâneo da ideia também foi influenciado pelas negociações sobre o Acordo Ortográfico, a aquisição de novas interpretações com os fluxos migratórios, a criação de instituições políticas transnacionais, eventos culturais internacionais, o crescimento da indústria da música transnacional, e o advento da internet e as redes sociais.

Neste artigo, analiso a associação Etnia – Cultura e Desenvolvimento enquanto modelo de organização social e forma de intervenção cultural. No meu entender, Etnia, fundada em Lisboa em 2000, é um dos poucos exemplos de ONG que conseguiram materializar uma *lusofonia* cultural fora de Portugal, em particular no Brasil, mas também em Cabo Verde e na Guiné-Bissau. Visto que a *lusofonia* é um conceito ambíguo que é pouco conhecido fora de Portugal, e para muitos parece ainda remeter a equívocos como a centralidade portuguesa histórica ou uma dominação (neo) colonial, importa saber, de um lado, quais são as bases ideológicas e as estratégias usadas pela Etnia, e do outro, qual é a colaboração dos agentes locais e receção nos lugares de implementação.

Etnia tem representado as culturas expressivas lusófonas ao nível transnacional, investindo de forma gradual mas contínua na construção de uma rede cultural através de projetos e programas lusófonos. Em primeiro lugar, projetos tais como “Na Ponta da Língua: Artes dos Povos Que Falam Português” (realização anual no Brasil desde 2004); “Lusofonias: Culturas em Comunidade” (realizado em Lisboa em 2008 e 2012); e “Pluralidades” (realizado em Guiné-Bissau em 2006, e itinerante no Brasil em 2007-8) fizeram circular música, teatro, artes plásticas, cinema e gastronomia. Em segundo lugar, o programa “Circuito Cultural Lusófono”, coproduzido pelo Instituto Cultural Lusófono (Itabira-MG, Brasil) entre 2008 e 2012, e apoiado por entidades públicas e privadas de sete estados brasileiros (Ceará, Espírito Santo, São Paulo, Pernambuco, Santa Catarina e Mato Grosso), tem vindo a incentivar a cooperação e a cidadania lusófona intercultural através de micro ações regulares nas chamadas ‘Casas da Lusofonia’ (atualmente criadas em cidades em Portugal, Brasil e Cabo Verde).

Com base no meu trabalho anterior (Vanspauwen 2012; La Barre & Vanspauwen, 2013), busco entender não só como os legados do

colonialismo moldaram práticas expressivas atuais, mas também como gestores culturais recriaram identidades nacionais com base nestes mesmos fluxos culturais transnacionais. Pergunto de que forma a *lusofonia*, habitualmente vista como um conceito predominantemente político e económico, têm inspirado gestores culturais de base, e quais estratégias estes tem usado para tornar a *lusofonia* um conceito mais intercultural, democrático e inclusivo.

CONTEXTUALIZAÇÃO

Até meados da década de 1990, a divulgação cultural de populações lusófonas em Portugal foi largamente confinada às esferas de ação e influência das comunidades migrantes com origem na África lusófona (Maciel, 2010, pp. 218-219) e Índia, seguido por migrantes brasileiros e timorenses.

Em 1994, a eleição de Lisboa como Capital Europeia da Cultura promoveu uma reflexão estratégica sobre as capacidades culturais da cidade, privilegiando sobretudo a cultura tradicional portuguesa através do *fado*, com pouca atenção para as comunidades migrantes. Como refere da Costa Holton (1998, pp. 174-96), este evento representou uma oportunidade única para reorientar a identidade nacional, imagem cultural e posição geopolítica de Portugal como um estado-membro da Comunidade Europeia, porém sem fazer referências à *lusofonia*. Entretanto, a criação do Canal África pela RDP Internacional visou fortalecer os laços existentes entre Portugal e os PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa).

Em 1996, enquanto o Canal África foi renomeado para Radio Difusão Portuguesa África (RDP África), com emissões em Portugal e para os PALOP, a CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa foi oficialmente constituída em Lisboa (no Centro Cultural de Belém), integrando Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe. Em 2002, Timor Leste juntou-se a este grupo, e em 2014, a Guiné Equatorial foi formalmente aprovada como nono membro. Os objetivos gerais da CPLP são consenso político e cooperação social, cultural e económico:

a contribuição para o reforço dos laços humanos, a solidariedade e a fraternidade entre todos os povos de língua portuguesa, o incentivo e enriquecimento da língua portuguesa, o incremento do intercâmbio intelectual e artístico, desenvolvimento da cooperação económica e empresarial, entre muitos outros. (Sousa, 2000, p. 8)

A fim de alcançar estes objetivos, a CPLP promove a coordenação sistemática de atividades de instituições públicas e entidades privadas que visam reforçar a cooperação entre os seus estados-membros. Neste sentido, o Plano de Ação de Brasília para a Promoção, a Difusão e a Projeção da Língua Portuguesa¹ (2010) identifica oportunidades para a convergência entre as políticas governamentais sobre diásporas nacionais em lugares onde existem grandes comunidades de imigrantes de duas ou mais nacionalidades dos estados-membros, enquanto também apoia canais televisivos ou radiofónicos que transmitem conteúdo falado em Português para estes mesmos grupos. Além disso, a CPLP comemora mundialmente o Dia da Cultura Lusófona em 5 de maio e, desde 2008, realiza anualmente a sua Semana Cultural da CPLP em Lisboa. Igualmente organizou os Jogos da Lusofonia em Macau (2006), Lisboa (2009) e Goa (2014). A CPLP constitui assim um quadro crucial no processo de construção mútua dos seus países membros, claramente usando a ideia de *lusofonia* como veículo.

Em 1998, a Rádio Televisão Portuguesa (RTP) África foi criada, enquanto a capital portuguesa sediava a Exposição Mundial de Lisboa (Expo'98). O tema deste último evento, "Os Oceanos, um Património para o Futuro", discursivamente aludiu à expansão marítima de Portugal, bem como aos contactos culturais que surgiram na sequência disso na África, Ásia e nas Américas (Cidra, 2010, p. 179), tratando-os como aspecto singular da internacionalização da cultura portuguesa (Santos & Costa, 1999, pp. 132-133). Culturalmente, Expo'98 foi pioneiro em organizar colaborações entre músicos de Portugal e todos os outros países de língua portuguesa, reunindo populações diaspóricas com intérpretes dos seus países de origem. Estes concertos representavam Lisboa como cidade moderna, internacional e historicamente multicultural, denominada pelo conceito de *lusofonia* (Santos & Costa, 1999, pp. 92-44 e 112-113; Cidra, 2010, p. 789). No entanto, alguns críticos, tais como Sieber, argumentaram que a cultura portuguesa, mesmo depois da Expo, ainda foi apresentada como bastante estática, homogénea, e fundamentalmente europeia e branca (Sieber, 2002, p. 167).

Esta visão de Portugal como um país tradicional sem mistura foi contestada no influente documentário *Lusofonia, a (r)evolução* (Red Bull Music Academy, 2006). *Lusofonia, a (r)evolução* veiculou a ideia de *lusofonia* discursivamente para promover hibridizações musicais e colaborações em Portugal, sugerindo que as culturas dos países lusófonos evoluíram, mas ainda pertencem juntos, e argumentando que as confluências históricas e

¹ Ver <http://observatorio-lp.sapo.pt/pt/temas-de-actualidade/plano-de-acao-de-brasilia-para-a-promocao-a-difusao-e-a-projecao-da-lingua-portuguesa>

contemporâneas entre Portugal, Brasil e PALOP devem ser revalorizadas. Para isso, o documentário tentou criar linhas de continuidade entre os períodos colonial e pós-colonial, especialmente com relação à história da presença africana em Lisboa, apresentando a música como elemento chave para a integração das várias populações residentes. Neste sentido, os *scriptwriters* do documentário ligaram a noção de *lusofonia* às ideias de multiculturalidade e cosmopolitismo, prescrevendo-a como instrumento de união cultural, ao mesmo tempo em que combatendo a exclusão social e a marginalização artística. Por fim, argumentaram que a salvaguarda e promoção das culturas lusófonas devem ter uma resposta institucional e mercantil correspondente em Portugal como no mundo lusófono como um todo.

Os eventos acima citados foram seguidos por um número crescente de iniciativas institucionais, associativas e individuais em Portugal que veicularam a ideia de *lusofonia* para representar as ligações transnacionais e *crossculturais* das populações residentes na Área Metropolitana de Lisboa e em outros centros urbanos no mundo lusófono. Por exemplo, desde 2007, o município de Odivelas tem vindo a organizar uma Bienal de Culturas Lusófonas, oferecendo música, dança, teatro, poesia, cinema, palestras e exposições de agentes culturais de países de língua portuguesa. A segunda edição desta bienal (2009) contou com a palavra “lusofonia” em letras maiúsculas, enquanto a terceira edição (2011) pretendia ser “mais interventiva e mais abrangente nas áreas que a constituem, levando deste modo a cultura lusófona a toda a população odivelense e até mesmo à população da Área Metropolitana de Lisboa”².

ETNIA (PORTUGAL) E INSTITUTO CULTURAL LUSÓFONO (BRASIL)

A ONG Etnia – Cultura e Desenvolvimento é uma organização sem fins lucrativos, fundada em 2000 em Lisboa, que tem como objetivo “divulgar a língua portuguesa, bem como a produção cultural lusófona, confrontando-a com as expressões da diversidade cultural brasileira e valorizando a cultura dos povos do universo lusófono”³. Conta com cartas de apoio da CPLP, da Câmara dos Deputados do Brasil, e de diversos municípios no Brasil e em Cabo Verde, e estabeleceu uma parceria com o governo da Guiné-Bissau⁴. Em Portugal, Etnia está sediada no bairro de São Bento

² Retirado de <https://europa.eu/eyd2015/pt-pt/portugal/events/odivelas>

³ Retirado de <http://interculturalidade.wordpress.com>

⁴ Estas cartas incluem Luís Fonseca, Secretário Executivo da CPLP (2007); Jose Fernando Aparecido de Oliveira, Deputado Federal brasileiro (2008); e Manuel Monteiro de Pina, Presidente da Câmara

em Lisboa, um lugar descrito como uma “zona da cidade com profundas ligações à história das diásporas lusófonas em Lisboa e em Portugal”⁵. Aí, junto ao Espaço Santa Catarina, sede da Junta de Freguesia, o Centro InterculturaCidade também serve de palco para diversas apresentações culturais e convívios locais.



Figura 1: Lusofonias 2012. Culturas em Movimento
Fonte: <http://interculturacidade.wordpress.com>

Neste sentido, em setembro de 2008, Etnia organizou o evento “Lusofonias: Culturas em Movimento”, visando “divulgar as culturas do mundo da língua portuguesa, desde há muito presentes em Lisboa com uma diversidade e um vigor sem paralelo nas restantes metrópoles lusófonas”⁶. O ciclo estava composto de oito semanas temáticas dedicadas aos vários países de língua portuguesa, afirmando que “um dos elementos essenciais da dimensão intercultural que Lisboa tem hoje é justamente a presença das comunidades oriundas dos países de língua portuguesa”⁷. O evento foi repetido em agosto de 2012 em co-organização com a Missão Diplomática do Brasil junto à CPLP, a partir de outra afirmação que a “lusofonia seja de facto cada vez um espaço de culturas em comunidade e em movimento, valorizando e respeitando a diversidade e a cidadania como valores essenciais no conjunto de nações independentes que hoje a integram”⁸. Etnia

Municipal da Ribeira Grande de Cabo Verde de Santiago (2009), e estão disponíveis no site da Etnia.

⁵ Retirado de <https://interculturacidade.wordpress.com/2012/07/30/lusofonias-2012-culturas-em-movimento/>

⁶ Retirado de <http://lusofonias2008.blogspot.pt>

⁷ Retirado de <http://lusofonias2008.blogspot.pt>

⁸ Retirado de <http://interculturacidade.wordpress.com/2012/07/30/lusofonias-2012-culturas-em-movimento>

também organizou “Noites criolas” e “Noites interculturais”, para as quais chamou principalmente – mas não exclusivamente – músicos oriundos de países lusófonos, residentes em Lisboa.

No Brasil, Etnia criou várias extensões desde 2004, levando à fundação do Instituto Cultural Lusófono (ICL) em 2008, com base em Itabira-MG – cidade referenciada no sítio *web* do instituto como a “cidade natal de um dos mais prestigiados poetas de língua portuguesa, Carlos Drummond de Andrade”⁹. Como referido por Mário Alves, presidente da Etnia, por e-mail na preparação deste artigo, o ICL foi praticamente desativado desde 2012. Os responsáveis locais para a consolidação desta ONG brasileira eram

pessoas ligadas a diferentes áreas da cultura, da informação, do turismo e da educação unidas em torno de um propósito comum de reforço dos intercâmbios e da cooperação, sociocultural entre o Brasil e os restantes países de língua portuguesa no mundo, bem como da difusão e valorização da diversidade cultural e das identidades dos povos do universo lusófono¹⁰.



Figura 2: Instituto Cultural Lusófono
Fonte: <https://iclusofono.wordpress.com>

Institucionalmente, o ICL desenvolveu a sua atividade em parceria com instituições públicas, associações ou outras entidades, ao nível municipal e estadual, igualmente contando com apoio financeiro de empresas

⁹ Retirado de <http://iclusofono.wordpress.com/o-icl>

¹⁰ Retirado de <http://iclusofono.wordpress.com/o-icl>

privadas através da lei Rouanet¹¹. Deste modo, o instituto formalizou colaborações nos estados brasileiros de Ceará, Pernambuco, Espírito Santo, São Paulo, Mato Grosso e Santa Catarina. Internacionalmente, também coordenou as suas atividades com Etnia em Portugal e uma terceira associação lusófona, Etnia Cabo Verde.

Em termos de objetivos, o ICL pretendeu ser um “facilitador de trocas e parcerias criativas nas áreas de cultura, questões sociais e desenvolvimento sustentável entre o Brasil e os restantes países de língua portuguesa no mundo”, além de difundir e valorizar a diversidade cultural e as identidades nesta esfera¹². Autodefiniu-se por isso como uma entidade que “visa promover a divulgação e as trocas culturais entre países e comunidades de língua portuguesa no mundo”, posicionando-se como “um instrumento eficaz e continuado de garantia de trabalho e de dignificação de criadores e agentes socioculturais lusófonos”¹³.

Relativamente aos projetos, ICL promoveu micro ações regulares de intercâmbio e cooperação; o festival “Na Ponta da Língua: Artes dos Povos que Falam Português”, e a exposição “Pluralidades”. Referente às micro ações, ao longo da sua existência, Etnia visou desenvolvê-las de forma flexível, “com envolvimento ativo de agentes culturais locais e adaptadas às realidades e disponibilidades de cada lugar em que decorram essas ações, num número o mais amplo possível de cidades e regiões”¹⁴. No que respeita o Festival “Na Ponta da Língua: Artes dos Povos que Falam Português”, realizado anualmente desde 2004, compôs-se uma “programação cultural concentrada (3 a 4 dias), representativa de todos os países de língua portuguesa e das suas diásporas [,] assegurando uma participação efetiva das expressões culturais locais”¹⁵. Como tal, o festival envolveu música, teatro, cinema, gastronomia e artes plásticas numa cidade por região. Numa comunicação por e-mail na preparação deste artigo, Mário Alves destacou o catálogo-programa da primeira edição do festival (2004), “com dois textos interessantes, do Gilberto Gil e do José Aparecido de Oliveira (idealizador da CPLP, ex-embaixador do Brasil em Portugal e ministro da cultura do Governo Sarney na década de 1980)” (Alves, 2016, comunicação pessoal).

¹¹ A lei Rouanet, ou Lei do Mecenato, refere-se à política de incentivos fiscais que possibilita empresas e cidadãos aplicarem parte do seu imposto de renda devido em ações culturais.

¹² Retirado de <http://iclusofono.wordpress.com/o-icl>

¹³ Retirado de <http://iclusofono.wordpress.com/o-icl>

¹⁴ Retirado de <http://iclusofono.wordpress.com/o-icl>

¹⁵ Retirado de <http://iclusofono.wordpress.com/o-icl>

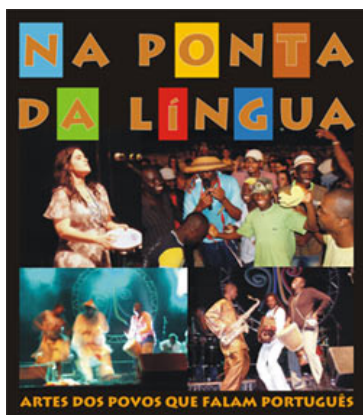


Figura 3: Na Ponta da Língua: Artes dos Povos Que Falam Português
 Fonte: <https://iclusofono.wordpress.com>

Finalmente, a exposição fotográfica “Pluralidades” foi criada em 2006 no âmbito de uma parceria existente entre Etnia e o Governo da Guiné-Bissau. No mesmo ano, integrou o programa de iniciativas públicas coincidentes com a realização da V Reunião de Ministros da Cultura da CPLP em Bissau, com o apoio do Ministério da Cultura português e da Junta de Freguesia de Arroios (Lisboa). Em 2007, a exposição foi itinerante no Brasil, com apresentações no Centro Cultural Fazenda do Pontal (Itabira-MG), Torre Malakoff (Recife-PE) e Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (Fortaleza-CE), enquanto em 2008, foi exibida no “XII Encontro Internacional de Negócios do Nordeste” (Fortaleza-CE) com apoio do SEBRAE – Ceará e do Fortaleza Convention Bureau.

Para dar continuidade a estes projetos, a Etnia e o ICL em 2009 desenharam o programa Circuito Cultural Lusófono (CCL). O objetivo específico foi “promover a divulgação e as trocas culturais entre países e comunidades de língua portuguesa no mundo”¹⁶ e conectar-se simbolicamente a instituições transnacionais tal como a CPLP, fundada em Lisboa em 1996 e aí sediada, e o IILP – Instituto Internacional de Língua Portuguesa, fundada em São Luis do Maranhão em 2002 e sediado na Cidade da Praia.

O Circuito Cultural Lusófono inicia-se em Maio de 2009 no Brasil, associando-se de algum modo simbolicamente à comemoração do 20º aniversário da Declaração de São Luis de Maranhão, através da qual os então sete chefes de estado dos países de língua portuguesa assumiram o

¹⁶ Retirado de <https://iclusofono.wordpress.com>

compromisso da criação da CPLP e criaram o Instituto Internacional de Língua Portuguesa¹⁷.

O CCL, apoiado por entidades públicas e privadas de sete estados brasileiros (Ceará, Espírito Santo, São Paulo, Pernambuco, Santa Catarina e Mato Grosso), procura dar “visibilidade internacional às expressões culturais contemporâneas e tradicionais dos povos do universo da língua portuguesa, bem como incentivar e reforçar os intercâmbios e parcerias para o desenvolvimento sociocultural interlocal”¹⁸. Assim, pretende organizar atividades “de formação e de articulação entre operadores culturais, poder público e outros componentes considerados fundamentais para o fortalecimento progressivo de práticas de cidadania intercultural no espaço da *lusofonia*”¹⁹. Segundo os seus fundadores, o CCL distingue-se de outras propostas de intercâmbio cultural pelo facto de possuir “fortes potencialidades de desenvolvimento interlocal em cooperação”, em particular no que se refere ao “incentivo ao micro-empendedorismo, às relações de parceria intermunicipal e inter-regional e sobretudo ao reforço das lógicas de centralidade da cultura nas estratégias locais e regionais de desenvolvimento”²⁰. Assim, o envolvimento de cidades e regiões no programa poderá ter repercussões nos setores da educação (“através do incentivo ao intercâmbio ativo com comunidades escolares de outros países lusófonos”) e do turismo (“através da mediatização nacional e internacional do novo atrativo para visitas à cidade/região consubstanciado pelo Programa”) ²¹. Para este efeito, o CCL promete ser flexível e sempre adaptar-se aos recursos disponíveis em cada lugar, sem onerar excessivamente os orçamentos locais, trabalhando numa “lógica de rede e de partilha de recursos”²². Segundo o produtor cultural Mauro Moura, o CCL é por isso vantajoso, sendo um “sistema integrado de circulação de bens e serviços sócio-culturais no espaço lusófono, capaz de projetar os países em questão uma imagem atual, contemporânea e de afirmação da diversidade cultural dos países e povos das comunidades de língua portuguesa”²³.

¹⁷ Retirado de <https://iclusofono.wordpress.com>

¹⁸ Retirado de <https://iclusofono.wordpress.com>

¹⁹ Retirado de <https://iclusofono.wordpress.com>

²⁰ Retirado de <https://iclusofono.wordpress.com>

²¹ Retirado de <https://iclusofono.wordpress.com>

²² Retirado de <https://iclusofono.wordpress.com>

²³ Retirado de http://www.gostodeler.com.br/materia/1566/casas_da_lusofonia.html



Figura 4: Circuito Cultural Lusófono em 2009, 2012, e 2015
 Fonte: <http://interculturacidade.wordpress.com>

Tal como os projetos acima referidos, as ações que o CCL já realizou incluem música, oficinas de percussão, teatro, artes plásticas, cinema, gastronomia e iniciativas turísticas, tanto no Brasil como em Portugal. O CCL arrancou em 2009 no Brasil, na cidade de Joaçaba e na Universidade Federal, Florianópolis-SC; na Torre Malakoff, Recife-PE; em Vitória da Conquista-BA; e em Cuiabá-MT. Com o slogan “Revelando as artes dos países de língua portuguesa”, ofereceu música de Vadú (Cabo Verde), Filipe Mukenga (Angola), Projecto Bantabá (Kimi Djabaté e Maio Coopé, Guiné-Bissau); uma exposição “Pluralidades”; um ciclo de cinema lusófono; e um debate intitulado “Oportunidades e Desafios da Cooperação Cultural Descentralizada nos Países de Língua Portuguesa”. Em 2012, o CCL retomou com o slogan “5 cidades, 18 dias, 4 países, 1 língua” nas cidades de Fortaleza-CE, Cuiabá-MT, Araçuaí-MG, Embu das Artes-SP, e Cariri-CE, oferecendo *shows* de Maio Coopé (Guiné-Bissau), Gil Filipe (Portugal), Manuel de Candinho, Assol Garcia e Caco Alves (Cabo Verde), além de vários músicos brasileiros. Para esta edição específica, o CCL contou com o apoio do Fundo Nacional da Cultura, Funarte, Ministério da Cultura, SEBRAE e os respetivos municípios, entre outros. Finalmente, em 2015 o CCL fez uma etapa em Portugal: com o apoio da freguesia São Vicente e EPAR – Escola Profissional Almirante Reis, foram organizados *workshops* de construção de instrumentos tradicionais, percussão e danças tradicionais, além de concertos tal como “Cantos da diversidade e das diásporas afro-latinoamericanas”, Djumbai

Djazz (Guiné-Bissau) e Espírito Nativo (Portugal)²⁴. Além disso, foi lançada uma proposta de circulação musical permanente de músicos migrantes residentes em Lisboa, contando com a participação Djumbai Djazz (Guiné-Bissau), Ferro Gaita (Cabo Verde), Cordas do Sol (Cabo Verde), Aldo Milá & Sons do Tejo (Angola/Portugal), Alessandra Leão (Brasil), e Eyuhuro (Moçambique) (ibid.).



Figura 5: Proposta de circulação permanente de músicos
Fonte: <http://interculturacidade.wordpress.com>

Além do CCL, desde 2011 Etnia e seus parceiros locais criaram as chamadas Casas da Lusofonia em Lisboa, em Macaíba–RN, Fortaleza–CE, e Ouro Preto–MG (Brasil), e na Cidade Velha (Cabo Verde). Estas Casas visam ser “centros de incentivo à cooperação e à cidadania lusófona intercultural, [instalados] onde existam dinâmicas e solicitações inter-regionais que o justifiquem e sustentabilidade económica capaz de viabilizar essas unidades”²⁵. Como referido por Mário Alves,

no Brasil houve várias tentativas de criação das Casas. Todas foram interrompidas e adiadas em virtude da mudança de lideranças políticas nas várias cidades em que se iniciaram. Em Portugal, aconteceu o mesmo, e acabámos por assumir o Centro InterCulturaCidade (de que a Etnia é co-fundadora) como Casa da Lusofonia. Finalmente em Cabo Verde avançou a Casa da Lusofonia da Cidade Velha,

²⁴ Retirado de <https://www.facebook.com/Circuitoculturallusofono2015>

²⁵ Retirado de <https://iclusofono.wordpress.com>

num acordo bilateral entre a Etnia e a Câmara Municipal local, assinado em Outubro de 2012, para construção da 1ª Casa da Lusofonia em África, que está em curso e será inaugurada no final de 2017 (declarações colhidas por e-mail em novembro de 2016).

Finalmente, além destes polos permanentes com base nas relações de parceria intermunicipal e inter-regional, estabeleceu-se também parcerias com o IELA – Instituto de Estudos Latino-Americanos da Universidade Federal de Santa Catarina (SC), a URCA – Universidade Regional do Cariri (CE), a Fundação Casa Grande (CE) e a Fundação Casa dos Carneiros (BA). Contou-se igualmente com patrocinadores como a Prefeitura de Joaçaba e a Secretaria Estadual de Desenvolvimento Regional (SC), a Fundarpe (PE) e a Prefeitura do Crato (CE). Para o futuro, o CCL diz estar aberto a “novas parcerias em qualquer país, lusófono ou não, e muito em especial onde existam comunidades de língua portuguesa”, e já começou com os preparativos para consolidar plataformas regionais de financiamento em alguns estados brasileiros”²⁶.

ARGUMENTAÇÃO E CONCLUSÃO

Num contexto global de diáspora e transnacionalismo, sistemas culturais podem articular-se linguisticamente ao invés de geograficamente (Appadurai, 1997; Stokes, 1997). No mundo lusófono, *lusofonia* – bem como noções semanticamente relacionadas (Turino, 1999) como *língua portuguesa*, *mundo lusófono*, *culturas lusófonas*, ou CPLP – é um conceito relativamente recente. Embora o termo seja geralmente usado para expressar preocupações sociais, políticas e económicas, também tem sido aplicado às práticas culturais por atores institucionais, associativos e individuais. Hoje, para alguns, a *lusofonia* designa uma comunidade transnacional de língua e história colonial compartilhada, enquanto para outros, a noção invoca Portugal como uma nação e o imaginário que envolve as suas relações globais (Sanches, Mendes & Duarte, 2004, p. 121). *Lusofonia* é uma classificação prática subordinada a várias funções para produzir efeitos sociais desejados (Martins, 2006, p. 90; Freixo, 2009). Em Portugal, a noção é usada de forma descontextualizada, e numa pluralidade de situações, tornando-se simbolicamente perigosa como geradora de um sentimento nacional comum, imperialista e multicultural (Dias, 2009, p. 7; Almeida,

²⁶ Retirado de <https://iclusofono.wordpress.com>

2004, p. 238). Como tal, *lusofonia* não é pacífica, pois contém tensões entre várias lógicas entre ex-colonizados e ex-colonizadores (Sousa, 2013, p. 23).

Ao investigar sobre as práticas discursivas e performativas que são organizados sob o rótulo de *lusofonia* (Martins, 2006, p. 90), etnografias pós-coloniais devem reler a (des)colonização como parte de um processo essencialmente transnacional e *crosscultural*, produzindo narrativas descentralizadas, polifónicas e diaspóricas do estado-nação (Santos, 2001; Bastos, Almeida & Feldman-Bianco, 2002). Para fortalecer o conceito de *lusofonia*, tem de se deixar de lado os velhos pontos de vista triangulares que estavam presentes em posições coloniais e independentes, e desconstruir o próprio termo *lusofonia* (Lança, 2010; Madureira, 2006; Klimt & Lubkeman, 2002). Além do mais, é urgente valorizar os hibridismos coloniais e intercâmbios culturais que têm existido há séculos entre Portugal e as suas colónias, apesar das circunstâncias de dominação nas quais ocorreram, e que continuam ativos no presente pós-colonial (Khan, 2008, p. 96; Cabecinhas, Lima & Chaves, 2006, p. 67 e ss.; Cunha, 2003). A *lusofonia* pode tornar-se assim num paradigma mais mutuamente constitutivo e relacional, capaz de abrir o caminho para um diálogo aberto que se baseia em conexões históricas com novas ressonâncias em evocações de afinidades e fluxos atlânticos (Moehn, 2011, p. 2). Esta “imaginação diaspórica” (Dunn, 2002, citado em La Barre, 2010) tanto reflete como reinventa manifestações culturais existentes por meio de várias narrativas e configurações alternativas num sentido transnacional, *crosscultural* e emocional.

Dado que a mercantilização da diferença da cultura expressiva num mundo globalizado requer criatividade simbólica (Born & Hesmondhalgh, 2000; Radano & Bohlman, 2000; Hall, 2003), a governabilidade das comunidades multiculturais que vivem juntos em uma determinada nação-estado com ligações histórica-linguísticas é predominantemente uma pergunta de política cultural (Guilbault, 2011 citado em Pereira, 2012, p. 4; Côte-Real, 2010, pp. 15-18). Neste sentido, as ONGs Etnia e Instituto Cultural Lusófono aplicaram alguns dos objetivos da CPLP à prática de gestão no espaço geocultural da *lusofonia*, no sentido de incentivarem a cooperação e a cidadania lusófona para obter resultados nas áreas da educação intercultural e do turismo. Este caso pioneiro sugere que empreendedores culturais em rede podem orientar a mudança social além de narrativas essencialistas, permitindo não só a capacitação de profissionais do setor cultural e criativo, mas também um melhor entendimento do potencial futuro e afetivo da *lusofonia* no mundo pós-colonial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, J. C. (2004). Portugal, o Atlântico e a Europa. A Identidade Nacional, a (re)imaginação da Nação e a Construção Europeia. *Nação e Defesa*, 107 - 2.^a Série, 147-172.
- Appadurai, A. (1997). *Modernity at Large. Cultural Dimensions of Globalization*. Minneapolis e Londres: University of Minnesota Press.
- Born, G. & Hesmondhalgh, D. (2000). Introduction: On Difference, Representation, and Appropriation in Music. In G. Born & D. Hesmondhalgh (Eds.), *Western Music and its Others: Difference, Representation, and Appropriation in Music* (pp. 1-58). Berkeley: University of California Press.
- Bastos, C.; Almeida, M. V. & Feldman-Bianco, B. (Eds.) (2002). *Trânsitos Coloniais: diálogos críticos luso-brasileiros*. Lisboa: ICS.
- Cabecinhas, R.; Lima, M. & Chaves, A. M. (2006). Identidades nacionais e memória social: hegemonia e polémica nas representações sociais da história. In J. Miranda et al. (Eds.), *Identidades Nacionais em Debate* (pp. 67-92). Oeiras: Celta.
- Cidra, R. (2010). Música e migração, Brasil, Cabo Verde. In S. Castelo-Branco (Ed.), *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX. / Encyclopedia of Music in Portugal in the XX Century* (pp. 773-789, 174-179 e 195-198). Círculo de Leitores / Temas e Debates.
- Côrte-Real, M. S. J. (2010). Introduction: citizenship, music and migration. *Revista Migrações, número temático Música e Migração*, 7, 11-24.
- Dias, I. C. (2009). Curating Contemporary Art and the Critique to Lusophonie. *Arquivos da Memória. Antropologia, Arte e Imagem* 5-6, 6-46. Lisboa: Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa.
- Cunha, L. (2003). *Entre espaço e representação: Comunidade e memória social*. Dissertação de Doutoramento, Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Feldman-Bianco, B. (2007). Empire, Postcoloniality and Diasporas. *Hispanic Research Journal*, 8(3), 279-290.
- Freixo, A. (2009). *Minha Pátria é a língua portuguesa. A construção da ideia da lusofonia em Portugal*. Rio de Janeiro: Apicuri.
- Hall, S. (2003). *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG/Brasília: representação da Unesco no Brasil.
- Holton, K. D.C. (1998). Dressing for Success. Lisbon as European Cultural Capital. *Journal of American Folklore*, 111(440), 173-196.

- Khan, S. (2008). Do pós-colonialismo do quotidiano às identidades hifenizadas: identidades em exílios pátrios? In R. Cabecinhas & L. Cunha, *Comunicação intercultural. Perspectivas, dilemas e desafios* (pp. 95-109). Porto: Campo das Letras.
- Klimt, A. & Lubkemann, S. (2002). Argument Accross the Portuguese-Speaking World: A Discursive Approach to Diaspora. *Diaspora* 11, 145-162.
- La Barre, J. & Vanspauwen, B. (2013). A Musical Lusofonia: Music Scenes and the Imagination of Lisbon. In B. Abels & B. Alge (Eds.), *WOM - World of Music 2, Transatlantic Flows in the Lusophone World* (pp. 119-146). Berlim: VWB.
- La Barre, J. (2010). Música, cidade, etnicidade: explorando cenas musicais em Lisboa. *Revista Migrações – Número Temático Música e Migração*, 147-166.
- Lança, M. A. (2010, 26 de maio). Lusofonia é uma bolha. *BUALA. Cultura africana contemporânea*. Retirado de <http://www.buala.org/pt/a-ler/a-lusofonia-e-uma-bolha>
- Maciel, C. F. (2010). *A Construção da Comunidade lusófona a partir do antigo centro. Micro-comunidades e práticas da lusofonia*. Tese de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- Madureira, L. (2006). Is the Difference in Portuguese Colonialism the Difference in Lusophone postcolonialism? In A. Soares, *Toward a Portuguese Postcolonialism* (pp. 135-141). Bristol: HiPLA.
- Martins, M. L. (2006). Lusofonia e luso-tropicalismo, equivócos e possibilidades de dois conceitos hiper-identitários. *Visages d'Amérique Latine* 3, 89-96.
- Moehn, F. J. (2011). New dialogues, old routes: Emergent collaborations between Brazilian and Angolan musicmakers. *Popular Music* 30(2), 175-190.
- Pereira, R. M. M. (2012). *Música e Narrativas da Multiculturalidade numa Orquestra de 'Todos'*. Dissertação de Mestrado, ISCTE-IUL, Lisboa, Portugal.
- Radano, R. & Bohlman, P. B. (2000). *Music and the Racial Imagination*. Chicago Studies in Ethnomusicology. Chicago: University of Chicago Press.
- Sanches, M. R.; Mendes, C. B. & Duarte, J. F. (2004). *Connecting Peoples. Identidades Disciplinares e Transculturais / Transcultural and Disciplinary Identities. Transcultural and Disciplinary Identities*. Lisboa: Colibri.
- Santos, B. S. (2001). Entre Próspero e Caliban: Colonialismo, pós-colonialismo e inter-identidade. In M-I. Ramalho & A. Sousa Ribeiro (Eds.), *Entre o Ser e o Estar. Raízes, percursos e discursos da identidade* (pp. 23-85). Lisboa: Afrontamento.

- Santos, M. M. L. & Costa, A. F. (Ed.). (1999). *Impactos Culturais da Expo '98*. Lisboa: OAC Observatório das Actividades Culturais.
- Sieber, T. (2002). Composing Lusophonia: Multiculturalism and National Identity in Lisbon's 1998 Musical Scene. *Diaspora* 11(2), 163-188.
- Sousa, H. (2000). Os Media ao Serviço do Imaginário: Uma Reflexão sobre a RTP Internacional e a Lusofonia. *Comunicação e Sociedade* 2, *Cadernos do Noroeste, Série de Comunicação*, 14 (1-2), 305-317.
- Sousa, V. (2013). O conceito de diáspora em tempo de globalização. A relação entre império, lusofonia e 'portugalidade': um contrassenso? *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona - Comunicación na diáspora e diásporas na comunicación*, 2013, pp. 17-29.
- Stokes, M. (1997). *Ethnicity, Identity and Music. The Musical Construction of Place*. Oxford & Nova York: Berg.
- Turino, T. (1999). "Signs of identity, imagination, and experience: a Peircian semiotic theory for music." *Ethnomusicology* 43(2), 221-255.
- Vanspauwen, B. P. (2012). A importância de implementar uma noção de lusofonia na educação cultural e cívica em Portugal, argumentado por alguns músicos oriundos de países 'lusófonos' em Lisboa. *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona 2011 - Lusofonia e Cultura-Mundo*, 2012, 67-83.

OUTRAS REFERÊNCIAS

- Ano Europeu de Desenvolvimento. Retirado de <https://europa.eu/eyd2015/pt-pt/portugal/events/odivelas>
- Centro InterCulturaCidade. Retirado de <http://interculturacidade.wordpress.com>
- Circuito Cultural Lusófono 2015. Retirado de <https://www.facebook.com/Circuitoculturallusofono2015>
- Exposição Mundial de Lisboa. Retirado de <http://www.facebook.com/pages/1998-Lisbon-World-Exposition/116314238383388>
- Instituto Cultural Lusófono. Retirado de <http://iclusofono.wordpress.com/o-icl>
- Jogos da Lusofonia. Retirado de <http://www.acolop.org/jogos.php>
- Lusofonia, a (r)evolução. Retirado de <http://www.redbullmusicacademy.com/video-archive/documentaries/3>
- Lusofonias: Culturas em Movimento. Retirado de <http://lusofonias2008.blogspot.pt>

Noites criolas. Retirado de <https://www.facebook.com/events/925251000868970>

Noites interculturais. Retirado de <https://www.facebook.com/events/116773308654731>

RDP Internacional. Retirado de <http://www.rtp.pt/rdpinternacional>

RTP África. Retirado de <http://www.rtp.pt/rtpafrica>

Semana Cultural da CPLP. Retirado de <http://www.cplp.org/id-2215.aspx>

Silva, A. S.; Xavier, J. & Matos, M. M. (2006). Lusofonia, a (R)Evolução. Org. Red Bull Music Academy. Retirado de <http://www.redbullmusicacademy.com/video-archive/documentaries/3>

FINANCIAMENTO

SFRH/BD/92040/2012

Citação:

Vanspauwen, B. P. (2017). Associação Etnia e o Circuito Cultural Lusófono. Construindo uma lusofonia cultural em rede a partir do antigo centro. In M. Gama & H. Sousa (Eds.), *Contributos do Congresso Internacional “Redes de Cooperação Cultural Transnacionais: Um olhar sobre a realidade lusófona”* (pp. 195-212). Braga: CECS.